

O ESPAÇO DA CRECHE: QUE LUGAR É ESTE?

AGOSTINHO, Kátia Adair – UFSC

GT: Educação de crianças de 0 a 6 anos/ n. 07

Agência Financiadora: CAPES

INTRODUÇÃO

Saber sobre o espaço físico da creche, transformado em lugar, a partir das crianças é o interesse desta pesquisa. O espaço se projeta ou se imagina; o lugar se constrói. Constrói-se a partir do fluir da vida, das relações que ali são travadas e a partir do espaço como suporte; o espaço, portanto, está sempre disponível e disposto para converter-se em lugar, para ser construído. Mobilizada por estas idéias quis conhecer os espaços das instituições de Educação Infantil partindo das crianças, para saber mais sobre a forma infantil de perceber, de se relacionar, de viver no espaço físico das instituições.

Preocupados vemos por todos os lados, os mesmos espaços, as mesmas configurações físicas, creches que se repetem e que, por sua vez, repetem a escola. Esta ditadura da mesmice nas creches públicas da rede de educação do município de Florianópolis está na lógica de suas formulações: um modelo padrão, com o predomínio da linha reta, sempre plano e térreo, com salas seriadas, prevendo para o convívio coletivo entre as crianças a área não construída e em alguns casos um pátio coberto, império do retilíneo, sendo todas as dependências retangulares e quadradas, sem proposições irregulares, curvas ou arredondadas. Com as mesmas cores apáticas; parques com os mesmos brinquedos; no chão, muito concreto, cerâmica e pedrisco; paredes de concreto e lisas, portas sempre com linhas retas e a mesma textura lisa, altas, como que construídas em terra de gigantes e tetos inalcançáveis.

As repetições mecanizadas desfavorecem as interações e minimizam as possibilidades de reação frente ao estabelecido (França, 1994). Objetivando os baixos custos, a homogeneização, uniformização, padronização, que obscurece, escamoteia, omite as diferenças, que se fossem valorizadas, ressaltadas nos projetos arquitetônicos das instituições infantis de educação, oportunizariam para seus usuários e comunidade em geral

sentido de pertencimento. Poderíamos, se necessário fosse, para efeito de economia padronizar os elementos construtivos, mas as configurações poderiam ser diferentes, oportunizando aos usuários da instituição de educação infantil, crianças e adultos, espaços com mais identidade, não deveriam existir soluções prontas, ou seja projetos com modelos rígidos, já pré-definidos (Sebastiani, 1996).

Acompanham essas visões, os sons das reclamações dos profissionais do tipo: “*O espaço não permite*”, “*não tem espaço*”, “*as paredes são duras, não tem como resolver*”. Diante do império da mesmice, luzes ainda permanecem, teimando em ser destoantes. Luzes-lugares, onde a imaginação, a criatividade, a sensibilidade de alguns, põem marcas diferentes nos espaços. Diante da mesma dureza e frieza do concreto, dão respostas outras que o personaliza e dá vida, as mesmas paredes, com a dureza e imobilidade do concreto se apresentam de forma diferenciada em algumas creches e, por vezes, em algumas salas como expressão da pedagogia adotada, da criatividade, imaginação e sensibilidade das pessoas que a habitam oportunizando às crianças um lugar para viver a sua infância.

Dessa forma, esta pesquisa analisou os espaços físicos, suas configurações e distribuição em uma creche da rede regular pública municipal de Florianópolis, direcionando o foco de observação nas crianças e na forma como elas o ocupam e vendo como se relacionam com o espaço, tornando-o lugar. Teve-se em mente obter possíveis pistas que elas mesmas nos poderiam fornecer para subsidiar a prática pedagógica para elas voltada, contribuindo assim, para a implementação de uma Pedagogia da Educação Infantil.

Pensar o espaço da creche, a forma como ele se torna lugar socialmente construído pelas crianças e adultos que o habitam, exige que incluamos as crianças, que consideremos suas manifestações e expressões e seus pontos de vista, concebendo-as como seres sociais plenos, com especificidades próprias desta etapa da vida. Isso desafia nosso poder adulto ao incluir a racionalidade infantil, e também o rigor e a imaginação metodológicas para a criação de mecanismos de participação

Como instituições sociais coletivas, as creches e pré-escolas compartilham com as famílias a tarefa de cuidar e educar as crianças de 0 a 6 anos, e é nesses espaços coletivos, públicos, que esta pesquisa se desenvolveu, sendo a creche¹ o seu *locus* de análise, por

¹ Usarei o termo creche, ao longo de todo o texto, para me referir às instituições de educação infantil do município de Florianópolis, que recebem crianças de 0 a 6 anos, preferencialmente em período integral,

compreender que nela a urgência de refletir sobre seus espaços é maior, pois as crianças que a freqüentam, ficam aí todo o seu dia, de segunda a sexta-feira, vivendo nela boa parte de sua infância.

A creche apresenta-se como um espaço em que as crianças que nela estão, sujeitos de direitos, têm para viver sua infância na contemporaneidade. O ingresso nas creches se dá por volta do terceiro, quarto mês de vida da criança, espaço onde ela passa a permanecer em tempo integral. Seu convívio familiar restringe-se ao final do dia e aos finais de semana e as possibilidades que tem de conviver noutros espaços, com outras pessoas são reduzidas, sendo a creche o lugar por excelência de suas trocas e vivências.

Nas crianças fomos buscar as respostas para nossas indagações, apostando que nos dariam sinais que indicassem os caminhos possíveis para a construção de um espaço/lugar da creche que respeite os seus direitos, sentimentos, desejos, jeitos e trejeitos.

O CAMINHO DA PESQUISA

As primeiras questões para o espaço físico das instituições de Educação Infantil eram bem primárias, pois não conhecíamos sequer suas bases: como eram suas configurações físicas e distribuições espaciais? Por onde começar? Qual creche, ou creches escolher?

Demos nossos primeiros passos, imprecisos e ansiosos, na direção de conhecer quatro realidades da rede pública municipal de Florianópolis, utilizando como critério uma em cada região do município (norte, sul, central e continental). Pretendia com isto: realizar um inventário geral das configurações espaciais das creches públicas municipais de Florianópolis, a partir de plantas baixas e/ou registros fotográficos; estabelecer relações entre os padrões de configuração encontrados e as finalidades educativas das instituições; indicar categorias gerais de análise do espaço, de forma a contribuir para o estabelecimento de indicadores de avaliação dos serviços na educação de crianças de zero a seis anos.

Lado a lado a essa preocupação, compreendendo e desejando uma pesquisa de cunho formativo, tivemos como premissa o envolvimento dos sujeitos. Fomos então até as creches e expusemos nossas intenções de pesquisa. Efetivamos contato com três das

diferenciando-se do previsto na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira) pela qual a creche

creches escolhidas, realizando reuniões com o coletivo da instituição, ocasiões em que ao expor os objetivos da pesquisa, recebemos a aceitação dos grupos, que sempre colocavam a necessidade de pensarmos os espaços como forma de contribuição para suas práticas.

Nesse contato inicial com as creches muitas questões se colocaram: em cada creche visitada uma realidade diferente, as configurações físicas muito diversas e seu entorno também. Como lidar com tamanha diversidade e distância entre as creches? Diminuir o número delas a serem pesquisadas? Com que critérios? Como serão as outras 27 creches da R.M.E. de Florianópolis?

Compreendemos, neste contato com a realidade, que faltavam dados essenciais, necessários para a condução da pesquisa. Conhecer e mapear a rede, suas diferentes configurações se apresentou como atividade necessária. Realizamos então um levantamento das plantas baixas das creches da rede municipal de educação de Florianópolis, para mapeá-las e caracterizá-las, com o intuito de preenchermos esta lacuna revelada em nossa ida a campo.

Pelo levantamento das plantas baixas das creches realizado conseguimos, do universo de trinta e duas creches que compõem a rede, encontrar e catalogar vinte e sete plantas, restando cinco, em regime de comodato, alugada, e imóvel adaptado.

Após o inventário das configurações físicas através das plantas baixas, e suas respectivas plantas de implantação, acreditamos ser necessário investigar a realidade a partir do estudo de uma creche, para ver como as diferentes racionalidades lidavam com o espaço da creche, transformando-o em lugar.

Esses passos e questionamentos iniciais confirmaram que o fazer a pesquisa, delimitar o problema e seus necessários recortes e definir com clareza os objetivos é um processo que vai se constituindo à medida que adentramos a realidade, combinando o rigor teórico com a abertura para deixar a realidade *falar*, de modo que a teoria fosse acionada a partir de uma demanda da realidade. Pois, compreendemos o método como um caminho, trilhado num processo de encontro entre o sujeito-pesquisador, ancorado numa teoria, e o sujeito-objeto, no nosso caso as crianças, numa relação de alteridade. Alguns procedimentos foram escolhidos logo, como a valorização dos modos de ser criança, suas vozes, significações e representações. A utilização da fotografia e a observação

atende crianças de 0 a 3 anos e a pré-escola atende crianças de 4 a 6 anos.

participante, o diário de campo e ainda entrevista com profissionais e familiares, para saber da história da creche e suas idéias acerca do espaço físico dessa instituição, informações estas que foram consideradas complementares uma vez que o foco central foram as crianças.

Escolhemos, então, uma creche de modelo padrão A, modelo mais recorrente no mapeamento feito, representando mais de um terço do total das creches inventariadas (treze creches); dentre elas escolhemos a *Creche Diamantina Bertolina da Conceição*, no bairro Rio Tavares, por ser a creche da rede pública municipal de Florianópolis mais próxima de nossa realidade cultural e geográfica. Com a Lagoa a unir em suas margens as crianças desta creche, a nossa infância e a nossa criança reavivada. Também pela creche ter iniciado suas atividades durante o ano desta pesquisa, entendemos que seria interessante observar como este espaço foi se transformando em lugar. Outro fator que pesou na escolha foi o número de crianças atendidas: era a creche que, segundo os dados da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, atendia a maior quantidade de crianças.

Com a disposição de contribuir com o preenchimento do hiato de pesquisas que se proponham a dialogar com a infância, as várias infâncias que temos, aventuramo-nos neste itinerário, pautado-nos eticamente no resgate do princípio da *alteridade*. Fomos como pesquisadora, reconhecendo nossa incompletude, ativando nossa sensibilidade, astúcia, criatividade e imaginação, enfrentando o desafio de colocar nossa cultura adulta em diálogo com a cultura infantil, requerendo uma produção de conhecimento “colectiva, interactiva, intersubjectiva e reticular” (Santos, 2001), num encontro profundamente respeitoso com as crianças, acreditando firmemente em seu potencial de informantes sobre a infância. Atentas para realizar a tradução das diferentes linguagens, devolvendo intacto o conteúdo da voz das crianças.

Para registrar este encontro entre racionalidades diferentes, utilizamos a observação participante, diário de campo e a desafiante fotografia, que sempre nos seduziu com seu texto imagético e estético. Não foi nossa intenção usá-la para somá-la ao texto escrito, nem tampouco com o carácter ilustrativo e sim como texto. Assim oportunizamos a apreensão da realidade para além das formas verbal e escrita, facultando aos adultos a possibilidade de (re)alfabetizarem-se noutras linguagens, ampliando o leque de instrumentos metodológicos

para apreendermos as manifestações infantis, plurais, ricas e diversas nas suas formas de expressão.

Assim, somamos ao nosso olho, que não é neutro e sim orientado pela cultura a que pertencemos, o “*olho da câmera*”, com ela prolongamos nosso olhar como pesquisadora sobre a realidade investigada, uma vez que a imagem fixa detalhes que podem ter passado despercebidos durante a observação no campo.

Fotografar foi um ato instigante e desafiante em todo o percurso da pesquisa. A paixão pela beleza e magia da fotografia que perpetua um instante, que revela minúcias, que abre caminhos para diferentes pontos de vista, que convida os olhos a se delongarem; a não-familiaridade com o equipamento, a preocupação de focar na perspectiva das crianças, a dificuldade de enquadrar o movimento e a fluidez delas na lente da máquina, lidar com a perda de arquivos, agrupar as fotografias e ter que escolher quais as que constariam neste trabalho.

Após quatro meses de pesquisa, já com todo material coletado: plantas baixas e de implantação, observações em diário de campo, entrevistas e fotografias, restava o grande desafio de escrever sobre esta trama, tecer os fios que dessem vida a esse rico material de que dispúnhamos. Vencer este desafio foi difícil e desafiador, nos acompanharam dúvidas e medos quanto a se conseguiríamos ter sensibilidade e sabedoria para, ao tecê-lo respeitar os sujeitos envolvidos, trazer à luz, verdadeira e intensamente, o ponto de vista das crianças, contribuir com a prática pedagógica na Educação Infantil. Nossa atitude é totalmente desprovida de pretensões, pois temos claro a provisoriidade do trabalho e que as abordagens feitas, sempre serão a partir de um ponto de vista.

Intensificamos, então, uma interlocução com outras áreas: Arquitetura, Antropologia, Geografia, História, Sociologia e Psicologia com um caminho para pensar o espaço na Educação Infantil, tendo um papel fundamental a Arquitetura, que muito tem contribuído para nossa compreensão sobre os sentidos do espaço físico. Essa interlocução contribuiu também para chegarmos a uma compreensão mais abrangente da atuação da educação infantil na creche e pré-escola a partir do cruzamento entre diversas áreas, buscando conhecer suas múltiplas facetas e determinações.

Neste processo optamos em apresentar os marcos teóricos ao longo da construção do texto, não abrindo um capítulo específico para trazê-los, desejando construir um texto

fluido, num permanente exercício de ir costurando a realidade com a teoria, aproximando-as.

No capítulo I: *Caracterização Das Creches* mapeamos as configurações físicas das creches da rede regular pública municipal, encontradas no levantamento das plantas baixas e de implantação, juntamente com outros dados levantados na Secretaria Municipal de Educação. Nele aprofundamos a análise sobre o modelo padrão A, escolhido para ser analisado, trazendo sobre ele, com base na entrevista com a arquiteta responsável por sua criação e implantação e a partir de nossas análises, dados históricos, de construção, execução e concepção. Ao final desse capítulo trazemos também a legislação quanto aos espaços físicos das instituições infantis em âmbito municipal. Estes dados são trazidos dada a importância de que, ao estudar o espaço, temos de conhecer o contexto, o entorno, as normas, etc..

Contextualizamos a creche pesquisada no capítulo II, *Contextualizando A Creche*, apresentando suas configurações, descrições e análises dos seus espaços, trazendo seu histórico.

Que Lugar É Este? É como chamamos o capítulo III, no qual analisamos as categorias que brotaram do processo de pesquisa, deste mergulho que fizemos na realidade, amparada numa teoria, ativando nossa astúcia e sensibilidade de pesquisadora-mulhermenina e focando nossos sentidos nas crianças; nele analisamos a forma como as crianças transformam o espaço num lugar socialmente construído, trazendo à tona as marcas que nele imprimem, através das fotografias e observações. Sabendo que o espaço não é neutro, que ele contém as indicações que as crianças nos dão para que possamos efetivamente tornar esses espaços em lugares onde elas usufruam sua infância, fazendo o esforço de separar o que na realidade estava unido, imbricado.

Ao final, no capítulo IV, trazemos as considerações que não são finais, mas provisórias, datadas e desejosas de novos debates, estratégia esta profícua para construir uma ciência crítica e dialética.

INDICAÇÕES DAS CRIANÇAS PARA O ESPAÇO DA CRECHE

Um lugar de brincadeira

Em nossas observações e fotografias as crianças estão dizendo a todo tempo que querem um lugar onde possam brincar, sozinhas, acompanhadas de outra(s) criança(s) ou do(s) adulto(s). Por meio das suas *cem linguagens* nos disseram cem vezes cem que querem um espaço que lhes garanta o direito à brincadeira.

As crianças, no seu brincar, vão indicando que gostam muito de estar entre seus pares, em pequenos grupos e em espaços circunscritos, ou seja, zonas espaciais com maior grau de definição, que permitam a visualização do adulto sem que este tenha de ter interferência direta, dando-lhe possibilidades de trabalhar individualmente, com pequenos grupos ou observar as crianças.

Vemos que as crianças em sua inteireza, corpo, mente, coração e alma nos apontaram querer *um espaço/lugar de brincadeira*, para brincadeira, com brincadeira, em consonância com o que os estudos vêm indicando para a prática na educação infantil.

Presenciamos várias situações em que as crianças em suas relações com e no espaço recorreram ao faz-de-conta, a imaginação, imprimindo suas marcas no espaço e, ao fazê-lo, demonstram que têm *outro jeito*, outros jeitos de se relacionar com o espaço, para além do convencionalmente instituído: vão inventando, inovando, explorando-o de outras formas, dando novos significados aos arranjos e objetos, encontrando novos jeitos de se relacionar com seus objetos e pessoas, sua organização, dando outros sentidos; tapetes se transformam em lagoa, mar, piscina; caixas por vezes são carros, ônibus, casinha; lixeiros viram chapéus, máscaras; colegas tornam-se mãe, pai, filhinha, irmã, professora.

Considerando o brincar como a atividade essencial da infância, vemos na brincadeira um local de grandes potencialidades para este encontro, entre estas diferentes racionalidades, a adulta e a infantil. Salientamos aqui a importância de planejar e organizar o espaço da creche de forma que os meninos e meninas que ali passam o dia todo em todos os dias durante a semana, tenham o seu direito à brincadeira garantido, com muitos e diversos brinquedos e que estes estejam acessíveis, inteiros, limpos, disponibilizados de forma criativa e convidativa. É preciso observar a variedade desses brinquedos no que diz respeito ao material, cor, textura, tamanho, para que possamos pluralizar, enriquecer as interações com culturas diversas, cuidando para não valorizarmos brinquedos estereotipados que reafirmam a lógica e os discursos de um sistema consumista, preconceituoso e excludente. Entendo ser possível e viável aproveitar ao máximo materiais

de reciclagem e elementos da natureza, buscando saídas criativas e humanizadoras. Também ressaltamos a importância do resgate de brincadeiras populares, tradicionais da Ilha e de outros lugares.

A alegria, a vivacidade e a inteireza com que as crianças vivem seus momentos de brincadeira na creche nos ensinam, comovem, convencem de que a vida é agora, não traçam planos ou esperam o amanhã; têm urgência de viver plenamente o momento, com imaginação e deleite sem estarem, ainda, sob o jugo da lógica capitalista do acumular.

Pensar os espaços da creche a partir do que as crianças nos indicam revoluciona, mexe, remexe, vira do avesso, desafia-nos em nossa adulez controladora, normalizadora, impositora; mas aquela criança que todos fomos mora em nossos corpos, com marcas e cicatrizes, em nossas lembranças, com emoções, visões, cheiros, sons que insistentemente nos convidam a deixar-nos seduzir, embriagar pela magia da fluidez e da autenticidade infantil.

As crianças vão interagindo com o espaço dando a ele significados diferentes, criando o novo, a partir do que está disponibilizado materialmente e imaterialmente, que são suas idéias, pensamentos, imaginações e fantasias, convidando-nos a resgatarmos nosso *homo ludens*, lançando sobre nós seu feitiço, fascinando-nos e cativando-nos, cheio de ritmo e harmonia. Nestes outros sentidos e significados que vão empregando no espaço e em tudo que nele está contido, as crianças vão indicando para o espaço da creche *um lugar para brincar*, onde o sonho e a fantasia são possíveis, aguçando em nós o desejo de que elas nos enfeiticem.

Um lugar de liberdade

Na vida da creche, o espaço escolhido para estar, sempre que a oportunidade se apresenta, ou mesmo quando é transgressão, é o parque. Observamos a alegria, uma pressa urgente, urgentíssima, que as crianças tinham de ir a seu lugar preferido, instigando-nos a tentar entender essa preferência.

A alegria e a satisfação na ida para o parque por elas manifestada, nos fez compreender o parque como o espaço da creche de grande expressão e encontro de liberdade. Nele as crianças encontram a chance instituída, permitida da brincadeira livre,

oportunidades para movimentos amplos, convívio/confronto com as diferenças, lugar de exercício do livre arbítrio, onde o adulto é fugazmente um *olho vigilante*. Nele era possível ir e vir de forma mais fluida, fazer escolhas por si só. Estar ou não estar, ir ou ficar, brincar ou não brincar, ficar só ou acompanhado; experimentar decisões, lidando com o convívio e o confronto, fortuitos e inusitados ou aqueles combinados, planejados e pensados entre as diferentes crianças.

As crianças exploram muito o potencial do parque como espaço para os movimentos amplos e suas possibilidades de lugar de novidades, onde algo inusitado pode acontecer. Nesses espaços não construídos, ao ar livre, temos um contato direto com os espaços naturais, o frio, o calor, o vento, as aves, aviões, chuva, etc. ; o contato direto com a vizinhança, potencializa as chances de algo ou alguém chegar ou passar.

Os adultos têm um papel fundamental no parque, para além do cuidado com a segurança das crianças, organizando e propondo brincadeiras, participando nas propostas feitas pelas crianças, povoando-o com novidades e trazendo novos elementos para habitá-lo. Neste *reino da brincadeira livre e da liberdade* as crianças demonstraram que gostam e necessitam da participação e colaboração do adulto, que precisam estender o lugar de viver a liberdade, o livre arbítrio para os espaços construídos.

Um lugar para se movimentar

Anda, corre , pula, salta, escorrega, sobe, desce, empurra, puxa, pendura-se, rola, engatinha, deita, senta, cai, espia, trepa, rasteja, pega, lança, dança,... Logo depois, tudo de novo...A vida na creche é marcada pelo movimento; movimentar-se para as crianças é comunicar-se, expressar-se, interagir com o mundo; é uma forma de linguagem; é explorar e conhecer o mundo e o próprio corpo, seus limites e possibilidades.

Durante a pesquisa, observamos várias situações em que crianças subiam e desciam de mesas e cadeiras, andavam por cima delas e às vezes rastejavam-se por baixo, no pátio coberto ou nas salas onde estes móveis estão disponíveis. Nas salas observamos várias situações em que enfileiravam as cadeiras de pernas pro ar, situação que exigia movimentos mais difíceis e elaborados, exigindo mais destreza, agilidade, flexibilidade, equilíbrio, num

pleno exercício de desafio. Com isso conheciam mais seus corpos, seus movimentos, experimentavam o *se movimentar* no mundo.

Nessa busca por se movimentar as crianças organizam espaços, criam lugares, inventam passagens estreitas e escuras para se rastejar. Meninos e meninas, grandes e pequenos, trepavam nos bancos e deles saltavam, se agarravam ao alambrado para escalá-lo, buscando incessantemente outros jeitos de explorar, outras alturas para pular, outras óticas de ver e se posicionar no mundo. No solário, um balanço pendurado alto vira um cipó delicioso para experimentar os ares. A murada que o contorna instiga e desafia para pular nos colchões que ali organizam. Neles pulam, pulam, sempre mais alto, correndo, subindo, pulando e caindo incessantemente. Movimentando-se, empurram e puxam cadeiras, bebê-conforto, mesas, cadeiras:

Ao nos encontrar com as muitas e diversas meninas e meninos da creche *Diamantina Bertolina da Conceição* elas me revelaram através de sua plasticidade corpórea que querem o espaço da creche como *um lugar para se movimentar*, em suas formas de se apropriar do espaço, nas marcas que nele imprimem. Isso nos desafia a pensar em espaços para as instituições de educação infantil ricos em desafios, plurais em suas formas, combatendo a lógica do retilíneo e plano, dando possibilidades de expressão corporal infantil e adulta, baseando suas práticas nos princípios de inteireza humana, contrapondo-se à dicotomia corpo-mente instaurada em nossa sociedade, se transformando em *lugares para se movimentar* em retas e curvas, planos e acidentados, térreos e altos, chão e ar, realidade e fantasia, no e com o mundo das coisas, das pessoas, dos sonhos.

Um lugar para se encontrar

Buscar o outro, seja esse outro menino, menina, grande, pequeno, branco ou negro, colega ou desconhecido, assim percebemos o movimento das crianças indo à busca de encontros, de trocas, com outras crianças e adultos, reafirmando em suas ações, gestos e buscas desse outro nossa humanidade social.

Esses encontros eram num lugar já organizado e disponibilizado para as crianças, ou criado e construído por elas ou ainda ressignificado, ganhando outros sentidos para além do proposto pelos adultos, espaço de transgressão, cujo cenário, transformava-se: corredor não

era mais simples passagem, bobinas de papel eram fortes, o parque inteirinho possibilidades...

Temos, então, enquanto adultos responsáveis pelas instituições de educação infantil a tarefa de pensar o espaço da creche como um lugar de encontro. Encaminhamento este que já vem sendo apontado pela área como frutífero e necessário para as práticas na educação infantil, num pleno exercício de humanidade. A creche como instituição coletiva de educação das meninas e meninos de zero a seis anos possibilita, oportunidades sociais novas e diferenciadas para as crianças que a freqüentam, diferentes das que elas têm em casa, pela presença de muitos coetâneos e diversos adultos que não fazem parte do espaço doméstico, tem de incorporar meios de intensificar os relacionamentos entre os três protagonistas centrais – crianças, professores e famílias- num processo de abertura à participação dos diversos membros desses segmentos e mantendo entre eles uma rede de intercomunicação.

Em nossa sociedade, as crianças vão dispendo cada vez menos de espaços para viver coletivamente, para trocas e partilhas, para exercitar a solidariedade e as regras de convívio social. A garantia de *um lugar para se encontrar* na creche possibilitará que esta se torne um espaço de intercâmbio, recepção e reconstrução de saberes gerados na diversidade cultural, e de interrogação crítica do mundo, (Sarmiento 2000). Também poderá proporcionar pleno exercício de solidariedade e cooperação, compreensão e respeito pelas diferenças entre crianças, profissionais e famílias, tornando nossas vidas mais plurais, ricas e heterogêneas nesse encontro de diferentes racionalidades, reverberando para o mundo um projeto de sociedade que se contraponha ao modelo hegemônico, homogêneo e autoritário que temos pesando sobre nossas corpos e sentimentos, um lugar onde todos tenham direito, espaço e tempo de se encontrar.

Interessante notar que as crianças estão a nos apontar as pistas que precisamos para construir um projeto de mundo verdadeiramente humanista, basta que abramos espaços para que elas possam anunciá-lo; fica o convite e o desafio deste encontro, baseado no relacionamento, comunicação e participação de todos os envolvidos com a creche num exercício de respeito mútuo.

Um lugar para mim

No dia-a-dia da creche, neste exercício de pesquisadora indo ao encontro das crianças para saber das formas pelas quais elas se apropriavam do espaço, sempre tentávamos nos posicionar às margens desse cotidiano rico e pulsante, em cujo contexto habitavam muitas crianças e adultos. O ritmo que o marcava era dinâmico, mas muitas vezes nos surpreendemos com situações nas quais nos deparávamos com alguma criança sozinha num canto, num lugarzinho pequeno e de aspecto aconchegante. Nessas ocasiões ou arrumavam, de um jeitinho todo seu, um cantinho para estarem sozinhas ou acompanhadas de brinquedos, ou aproveitavam algum canto já organizado na sala para tornar seu *ninho* seu *canto*.

O espaço da creche tem de propiciar um *ninho seguro*, um lugar que a criança possa considerar seu, possa estar consigo mesma, num encontro íntimo com seus ritmos, pulsações e sentimentos. Um lugar em que ela tenha segurança e confiança, oportunizando sentido de pertencimento e lhe seja assegurada sua identidade pessoal. Enfim, que tenha direito a estar só, momentos de quietude, num encontro com o que lhe é mais profundo e íntimo, resguardada sua individualidade.

Focando nosso olhar nas crianças percebemos que estas procuravam ou criavam espaços onde pudessem ter privacidade, intimidade, onde estivessem sozinhas ou na companhia de algum brinquedo. Na creche as crianças ficam de dez a doze horas de seu dia, precisando de espaço/tempo para ficar a sós, longe do barulho e das pessoas, num lugar de sossego.

Esse lugar era encontrado, construído ou ressignificado por elas para estarem sozinhas, pelo menos aparentemente, visualmente, pois em algumas situações as acompanhavam os brinquedos, noutras não, mas sempre tinham a companhia do seu mundo interior, cheio de fantasias, sonhos, imaginação, emoções, sentimentos e idéias. Subvertendo o instituído, as crianças nos apontam um caminho de pluralidade e diversidade, em que os ritmos individuais devem ser respeitados como também suas pulsações, sentimentos e idéias.

CONSIDERAÇÕES, para este tempo, FINAIS

Seja dada ou não a vez para que as crianças participem da organização do espaço, elas o modificam. Com toda sua inventividade, imaginação, autenticidade, originalidade, novidade, ludicidade imprimem no espaço seus saberes, sensibilidades e vontades. A criança é profundamente enraizada em um tempo e um espaço, é alguém que interage com essas categorias, influenciando-as e sendo influenciada por elas. Assim, ao mesmo tempo em que são frutos de um contexto histórico-social, também subvertem a ordem, imprimindo nela os seus modos infantis de ser, realizando uma (re) produção da cultura na qual estão imersas.

As crianças da *Creche Diamantina Bertolina da Conceição*, nas suas formas de perceber, captar e utilizar o espaço, trazem a marca da geração a que pertencem. Anunciando a novidade da qual são portadoras, disseram que o lugar da creche tem de ser um lugar de respeito profundo à infância, às suas muitas expressões e dimensões.

Ao conhecer o espaço físico dessa creche confirmamos a tese de que um espaço torna-se lugar socialmente construído; ainda que repetindo a lógica da mesmice, imposta por um projeto padrão, mesma configuração, mesmos materiais, mesma cor, teima em ser diferente na forma de apropriação desse espaço pelas pessoas que o habitam, adultos e crianças, colocando nele marcas de seus jeitos de ver, olhar, pensar, sentir, cheirar, tocar, perceber o mundo. Assim, confirmamos que o espaço *se projeta ou se imagina e o lugar se constrói*. Constrói-se a partir do fluir da vida, tendo o espaço como suporte.

Encontramos nesse espaço/lugar/creche capim-limão e melissa no canteiro, folhagens e flores embelezando entradas, salas de professores, de direção e banheiro; violetas colorindo o pátio coberto; uma réplica da Monalisa sempre a nos olhar e lembrar Leonardo Da Vinci com sua genialidade e nos encantando pela estética e beleza; a Maricota com seu nariz de pimentão e vestido esvoaçante, e pandorgas no ar. Nela os brinquedos estavam ao alcance das crianças, que montavam ou utilizavam cantos, cantinhos ou até mesmo cantões para tornarem-se crianças. A mesa da sala dos professores com café e frutas arrumados. Sorrisos, gestos, presenças de luzes, luzes/lugares que nos mostram que nosso potencial criador, aspirante de uma vida feliz e justa para todos, revoluciona, contagia impregna de vida, faz pulsar os átomos das paredes, chão e teto dos espaços/lugares que habitamos, confirmando que o espaço *vive, respira é dinâmico*.

Nesse lugar, ao observar as crianças com todos os nossos sentidos e sensibilidades, aprendemos pelos seus modos de ser, estar criança na creche, que quanto mais dermos a elas espaço e tempo para que expressem seus saberes infantis, mais elas nos apontarão novidades, mais conheceremos suas manifestações e consolidaremos a Pedagogia da Educação Infantil que desejamos respeitosa da racionalidade infantil.

As crianças, ao se apropriarem do espaço da creche, vão dando a ele novos sentidos e significados, inventando outros jeitos de lidar com o chão, paredes, teto, objetos, arranjos, colegas e adultos, criando soluções, para viver um lugar de brincadeira, liberdade, movimento, encontro e de quietude. Transformam, mudam o espaço, fazendo coisas para além da imposição do traço arquitetônico e do que o adulto propõe.

Assim, apontam um repensar sobre esse espaço e suas proposições, indicando para as instituições de educação infantil um lugar lúdico, de brincadeiras e fantasias, de sonhos e imaginação. As crianças desejam a creche como um lugar de viver a liberdade, com toda sua carga de subversão e inefabilidade. Um lugar que aposte no heterogêneo, plural e diverso, rico em desafios. Reafirmam o poeta, segundo o qual “a vida é a arte do encontro”. Desejam que o espaço da creche intensifique encontros, entre as crianças, entre elas e os profissionais e adultos e entre estes últimos, fortalecendo o coletivo, a vida em comunidade, consolidando uma cultura de humanização. Querem ainda um lugar para estar sós, que a creche tenha um espaço para a quietude, para um encontro consigo mesmas.

O tom deste final provisório é o da alegria e esperança, caminhos de possibilidades que as crianças nos indicam ao demonstrarem que, mesmo diante da dureza do espaço suas suaves mãos traçam outros contornos, suas peraltices o povoam de magia e felicidade, convidando-nos a construir e sonhar o lugar da creche, o lugar do mundo como um lugar de gente.

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO, Kátia Adair. *O Espaço da Creche: que lugar é este?* Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

COELHO NETO, J. Teixeira. *A construção do sentido na Arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

CARVALHO, Mara Ignez Campos de & RUBIANO, Márcia R. Bonagamba. Organização do Espaço em Instituições pré-escolares. In: OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos de (org.). *Educação Infantil: muitos olhares*. São Paulo: Cortez, 1995, p. 107-____.

FARIA, Ana L. G. O Espaço Físico como um dos Elementos Fundamentais para uma Pedagogia da Educação Infantil. In: *Educação Infantil Pós-LDB: rumos e desafios*. Editora autores associados/UFSC/UFSCar/UNICAMP, Campinas, 1999, p. 67-97.

FRAGO, Antonio Viñao e ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FRANÇA, Lílian Cristina Monteiro. *Caos-espaço-educação*. São Paulo: Anablume, 1994.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

LARROSA, Jorge e LARA, Nuria Péres de. (orgs.) *Imagens do Outro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

ROCHA, Eloisa . *A Pesquisa em Educação Infantil no Brasil. Trajetória recente perspectiva de consolidação de uma Pedagogia da Educação Infantil*. Florianópolis: Teses (doutorado) NUP 2, UFSC/CED, 1999.

SANTOS, Boaventura Souza. *As tensões da Modernidade*. Porto Alegre- Fórum Social Mundial, 2001. (mimeo)

SEBASTIANI, Márcia Teixeira. *Educação Infantil: O Desafio da Qualidade- Um Estudo da Rede Municipal de Creches em Curitiba- 1989 a 1992*. Tese de Doutorado. Unicamp, Campinas, 1996.

SOUZA LIMA, M. *A cidade e a criança*. São Paulo: Nobel, 1989 (Coleção cidade aberta).

_____. *A Arquitetura e educação*. São Paulo: Nobel, 1995.